

SUMÁRIO



<i>Introdução</i>	9
-------------------------	---

Parte I – Entrevistas/depoimentos

<i>“Nasci homossexual”</i>	19
<i>“Me afastei da família”</i>	28
<i>“Que menina linda!”</i>	30
<i>“Com meu pai eu me dava muito bem!”</i>	36
<i>“De repente, é uma coisa meio inata...”</i>	39
<i>“Eu sou quem tem o melhor casamento na família”</i>	42
<i>“Fui sargento da Polícia Feminina”</i>	48
<i>“Me apaixonei perdidamente pelo meu professor”</i>	53
<i>“Me viciiei em cocaína”</i>	57
<i>“Me senti uma grande decepção”</i>	60
<i>“A Igreja Adventista”</i>	65
<i>“Mulher, negra e gay”</i>	69
<i>“Uma difícil escolha”</i>	73
<i>“Criamos as duas meninas, a minha e a dela”</i>	76
<i>“Conheci e conheço homens maravilhosos”</i>	79
<i>“Uma família de mulheres fortes”</i>	85
<i>“Estou casada há vinte anos”</i>	93

“Sexo oral, vaginal, anal...”	98
“Em defesa dos direitos humanos”	100
“Quase perdi meus filhos”	103
“Famílias homoafetivas como a nossa...”	106
“Refúgio”	107
“Mulher lésbica com deficiência”	113

Parte II Depoimentos espontâneos em busca de ajuda

ADOLESCENTES

“Muitas vezes desejei a morte”	121
“Minha mãe diz que preferia que eu morresse”	128
“Minha mãe acha que é modismo”	129
“O pai dela me ameaçou de morte”	140
“Carlos, meu pai”	143
“Só o fato de alguém me escutar...”	145

ADULTAS

“Minha mãe tem ciúme”	149
“Espancá-la até ela virar mulher de novo”	151
“Namoro uma mulher de quase 60 anos”	156
“Minha mãe não se conforma”	158
Notas	163

INTRODUÇÃO



Professora, pesquisadora, escritora de livros de ficção juvenil, um dia, de surpresa, apareceu na minha vida a questão da diversidade sexual, em que eu nunca havia pensado.

Isso aconteceu numa época em que não se falava de diversidade sexual. Não havia gays ou lésbicas nas novelas, nada se falava sobre eles(as) nos jornais, revistas... Homossexualidade era algo em que eu não pensava, e, apesar de professora, era algo muito longe de mim.

Assim, explica-se, pelo menos em parte, o tsunami que foi na minha vida saber que um dos meus filhos, o meu caçula, era homossexual.

Em busca de mais conhecimento e ajuda – devido a minha dificuldade de aceitação do meu filho gay –, há mais de dez anos fundei um grupo de pais de homossexuais, o primeiro do Brasil, e há um ano criei um projeto multicultural para adolescentes e jovens homossexuais, o Projeto Purpurina.

O Grupo de Pais de Homossexuais (GPH) – Associação Brasileira de Pais e Mães de Homossexuais¹ –, grupo presencial e virtual, desenvolve um trabalho de ajuda mútua. Isto é, seu objetivo principal é acolher os pais que têm dificuldade de aceitação, em qualquer estágio do processo em que estiverem, para que, por meio da identificação e da solidariedade, um ajude o outro, mesmo que somente levantando dúvidas e questões que serão pensadas e discutidas por todos.

No grupo de pais, conversamos sobre o que é a homossexualidade, ouvimos muitos desabaços – alguns desesperados –, trocamos palavras de apoio, escutamos relatos de experiências, discutimos textos teóricos e tiramos dúvidas relacionadas à questão, visando a uma reconceitualização do assunto. Também indicamos, uns aos outros, instrumentos de mudança – emocionais e práticos.

Abaixo, por exemplo, está a conversa, em data recente, entre duas mães do GPH:

Mãe 1 – Edith, eu disse a ele que eu daria a vida para ele ser homem. Eu disse que queria morrer e ver ele morto, mas não “viado”... Nada pior poderia ter acontecido na minha vida [...].

Mãe 2 – Querida amiga, eu também fiquei desesperada quando soube que meu filho era gay, como todo mundo aqui no nosso grupo. Mas com o tempo, conversando uns com os outros, fomos nos conformando, já que ficamos sabendo que não foi uma escolha deles. Eles são assim e contam conosco, suas mães, para enfrentar uma sociedade preconceituosa [...].

Minhas crenças sobre a diversidade sexual, hoje, são parte fundamental da filosofia do GPH:

- Sabemos que a homossexualidade é uma condição natural, assim como a heterossexualidade, e portanto não é uma opção nem algo que se aprenda; faz parte da diversidade sexual humana.
- Sabemos que os pais de homossexuais precisam de informações corretas, assim como de apoio e diálogo com outros que vivenciam a mesma situação.
- Acreditamos que a aceitação e o apoio da família ao(à) homossexual são muito importantes para que os jovens possam ter uma vida digna, com elevada autoestima, respeito e integração com os

demais. Sem isso, sua vida perde o sentido e tornam-se depressivos e vulneráveis às condutas de risco.

Paralelamente à fundação do grupo de pais, comecei a desenvolver o projeto para escrever o livro *Vidas em arco-íris*², entrevistando mais de oitenta homossexuais, homens e mulheres, de 14 a 62 anos.

Praticamente todas as entrevistas para o livro *Vidas em arco-íris* foram realizadas ao vivo. A maioria dos entrevistados não é famosa. Essa foi uma das escolhas que fiz para aquele livro. Por outro lado, alguns dos entrevistados são pessoas muito conhecidas pelo público em geral e pela comunidade homossexual em particular e também nos honraram com sua confiança.

Durante esses anos, depois da fundação do GPH e do lançamento do livro, algo interessante começou a acontecer. Apesar de eu escrever para adolescentes e me dar muito bem com eles, nunca tinha pensado em trabalhar com jovens homossexuais. Só que os jovens homossexuais – rapazes e moças – começaram a me procurar: vinham à minha casa, telefonavam, mandavam e-mails. O maior interesse desses jovens era saber como conversar com seus pais, como fazer para ser aceitos pela mãe e pelo pai.

A partir daí, por iniciativa do GPH, foi fundado o Projeto Purpurina, um projeto multicultural dedicado aos jovens homossexuais. De modo geral, o objetivo é trabalhar em profundidade a elevação da autoestima do(a) jovem LGBT (lésbica, gay, bissexual, transexual, travesti, transgênero), desenvolvendo todos os assuntos considerados importantes para isso, entre os quais a aproximação dos jovens aos seus pais e familiares.

No Projeto Purpurina pratica-se o “protagonismo juvenil”, isto é, os próprios jovens coordenam o projeto embora, quando necessário, sejam monitorados por especialistas. É o único projeto de iniciativa de pais heterossexuais para jovens gays e lésbicas no Brasil.

Do assunto “a aproximação de seus pais” – que se mostrou fundamental para eles – vieram outros muito importantes: dificuldades na escola, dificuldade de fazer amigos, de relacionamento com seus(suas) companheiros(as), dificuldades no trabalho, problemas com as religiões, enfim, basicamente, assuntos relacionados aos preconceitos e discriminação em geral.

Num primeiro momento, os rapazes eram os que mais me procuravam. Mas, ultimamente, muitas mulheres lésbicas, de todas as idades, têm me dado a honra de sua confiança.

Em outubro de 2008 foi lançado o livro *Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais*³. Nele está a minha experiência de mais de dez anos sobre o relacionamento entre pais, mães e seus filhos homossexuais.

Entre mulheres

Organizar um livro somente sobre mulheres lésbicas ou bissexuais é um projeto antigo. Por sugestão e com o incentivo de amigas, resolvi levá-lo adiante, convidando amigas lésbicas para participar dele. Fiquei muito feliz com a receptividade que tive e agradeço imensamente a todas elas.

Entusiasmada com a ideia do livro, percebi que enriqueceria bastante o trabalho se acrescentasse a ele, além das entrevistas, depoimentos espontâneos de muitas mulheres que me escrevem à procura de ajuda.

Assim, *Entre mulheres – Depoimentos homoafetivos* é formado por dois tipos de depoimento:

- a) Na primeira parte, estão depoimentos originários das entrevistas ao vivo, realizadas por meio de perguntas abertas, além de entre-

vistas enviadas pela web. Os depoimentos originários de entrevistas ao vivo foram gravados, transcritos e editados.

- b) Na segunda parte, estão verdadeiros “pedidos de socorro”, depoimentos espontâneos que me chegaram, a maioria por e-mail. Esses textos foram mantidos integralmente.

O critério básico de escolha dos depoimentos foi terem sido feitos por mulheres lésbicas ou bissexuais. Pesaram bastante na escolha, também, a espontaneidade e a diversidade das histórias de vida de lésbicas anônimas, de diferentes idades e classes sociais, representativas da comunidade homossexual.

As entrevistadas, com idades entre 14 e 62 anos, são oriundas de vários Estados brasileiros, embora em sua maior parte sejam paulistas, cariocas e mineiras. Algumas mulheres cursaram ou estão cursando o Ensino Fundamental e Ensino Médio e boa parte tem curso superior em andamento ou completo.

Considerando as circunstâncias sociais de preconceito contra a homossexualidade, fui obrigada a omitir no texto muitos dados (nomes de pessoas, cidades, escolas, universidades, empresas) que pudessem prejudicar as entrevistadas ou revelar sua identidade, assim como a das pessoas a que elas se referem. Algumas delas, principalmente as militantes, são apresentadas com suas identidades verdadeiras.

Por que este livro é somente sobre mulheres?

Em primeiro lugar, escolhi escrever sobre mulheres porque sou mulher. Não importa se mulher heterossexual, bissexual ou homossexual, sempre fomos e continuamos sendo discriminadas, apesar das aparências que, atualmente, camuflam essa verdade.

Sofri muito na infância, adolescência e vida adulta por ser mulher. Eu era discriminada o tempo todo em relação ao meu irmão e, mais tarde, pelas normas sociais aceitas para as mulheres, sempre consideradas indivíduos de segunda classe e alijadas de trabalhos intelectuais e de qualquer importância financeira ou política.

Assim, mesmo de diferente orientação sexual, de um modo ou de outro, as amigas que participam deste livro e eu nos identificamos mutuamente pelo preconceito. Nesse sentido, é importante lembrar que as consequências do preconceito, na maioria das vezes, concretizam-se em cadeia, perduram e multiplicam-se no tempo, esmagando a pessoa sem misericórdia. E isso teria acontecido comigo se eu não me rebelasse e lutasse com todas as minhas forças para me libertar dele, assim como minhas amigas sinalizaram fazê-lo ao participar deste livro.

Mesmo assim, há tempos sei que, infelizmente, há mulheres que sofrem ou sofreram bem mais do que eu, pois são dupla ou triplamente discriminadas. No meu contato com mulheres homossexuais e bissexuais (de várias idades, raças, religiões e condições socioculturais), fui e sou testemunha da tortura física e psicológica – a segunda, pior do que a primeira – por que as mulheres passam, somente por serem lésbicas ou bissexuais. É uma perseguição inexplicável logicamente – já que a diversidade sexual é a norma –, a não ser pela dificuldade que as pessoas da nossa cultura têm com a sexualidade e, como resultado direto disso, com as diversidades sexual e de gênero.

Como esses preconceitos nos são impostos desde que nascemos, é muito difícil nos livrarmos deles: “eles grudam mais do que chiclete no cabelo!” Também porque, na verdade, o preconceito é muito mais uma atitude passional do que intelectual; muito mais relacionada aos sentimentos do que ao conhecimento. E lutamos con-

tra vários preconceitos que, muitas vezes, se inter-relacionam e se organizam em níveis de importância. Como disse uma das amigas entrevistadas: “Além de mulher, sou negra e lésbica...”

Ao responder à pergunta “Por que você se interessou por este projeto?”, elas disseram que seu principal objetivo era:

- a) Informar a sociedade em geral sobre a homossexualidade e sobre o modo de ser e agir das lésbicas.

Carol – Sabe qual é a primeira coisa que falam? “Nossa, você não parece homossexual, você não parece sapata, caminhoneira...” Ou, então, pensam assim: “Ela vai botar cueca, gravata...” [risos] Coisa que eu nunca fiz na minha vida! Edith, você sabe como eu sou feminina... Por que não? Eu vim fazer a entrevista porque eu quero falar isso para o mundo. Temos o direito de ser como somos, assim, assado... [risos]

- b) Colaborar especificamente para diminuir o preconceito social.

Bruna – Porque eu acho que as pessoas têm de saber que, na verdade, a homossexualidade não é uma opção, assim como a heterossexualidade não é... Só que a sociedade é preconceituosa.

- c) Enfatizar a possibilidade de os homossexuais viverem relacionamentos homoafetivos estáveis.

Clélia – Então acho que esse projeto é pra abrir que as pessoas podem se amar, que existe amor verdadeiro, existe amor de vinte anos do mesmo sexo, trinta anos de duração...

- d) Informar a comunidade religiosa sobre a homossexualidade.

Elenice – Concordei pra colaborar com as demais pessoas que pertencem, principalmente, à minha religião. Dentro da minha religião, isso é pouco comentado... Sei que há muitos casos, mas isso não vem a público... E eu acho muito importante levar esse tema pra dentro da minha religião.

- e) Contribuir para o autoconhecimento e autoaceitação dos homossexuais.

Jacira – Eu acredito que o seu trabalho vai ajudar muita gente a não sofrer na vida o que eu sofri até poder descobrir todo esse meu lado da homossexualidade... Eu perdi muito tempo na minha vida... Sofri muito por falta de informação [...]

- f) Atingir as famílias de origem dos homossexuais.

Marli – Eu acho que esse livro pode ser muito importante pra quando eu for conversar com minha mãe, ou até com parentes, pessoas mais próximas... De repente, abrir o livro e falar: “Olha, este é o meu depoimento. Um pouquinho do que eu passei”.

- g) Aumentar o próprio autoconhecimento e a autoaceitação.

Carolina – E aceitei por uma questão minha, também, pois eu acho que cada vez que falo sobre essas coisas, entendo mais um pouquinho. Então, é importante pra mim também.

- h) Aumentar a visibilidade social das lésbicas.

Alice – Também tirar essa identidade de que as mulheres nunca participam de nada.

Cristina – Para as lésbicas não ficarem de fora, porque muitas ainda têm preconceitos dentro delas e têm medo de responder a uma entrevista admitindo o que elas realmente são...

PARTE I

ENTREVISTAS/DEPOIMENTOS



“NASCI HOMOSSEXUAL”⁴

MARIA TERESA (59 ANOS, PROFESSORA)

Amores de infância

Nasci homossexual. Minhas primeiras lembranças são de quando eu tinha 5 anos e me apaixonei perdidamente pela empregada que minha mãe acabara de contratar. Naquela época, éramos uma família de sete filhos. Somaríamos treze, alguns anos mais tarde. Embora trabalhasse sem cessar, minha mãe não conseguia dar conta de todas as tarefas. E entre as muitas candidatas que se apresentaram, escolheu Olga para ajudá-la. A nova “governanta” tinha estatura mediana, tez alva, cabelos muito negros cortados no estilo Chanel e, apesar da juventude, um semblante sério, quase triste. Eu estava sempre por perto. Ela me acariciava de maneira delicada e, vez por outra, me dava um beijo na bochecha. Era o delírio. Sonhava com aquela moça bonita me carregando no colo e me abraçando. Menos de seis meses depois, para minha decepção e tormento, ela foi despedida. Depois de Olga vieram muitas outras empregadas. Nenhuma igual a ela. Nunca mais a vi.

Um mundo povoado de mulheres

Minha segunda paixão platônica foi por Alice, uma colega de escola. Dos 10 aos 15 anos, alimentei aquele amor secreto. Alice era tudo para mim. Adorava seu jeito calado, meio amuado. Estudávamos na mesma sala. Quando ela chegava, com seu cabelo avermelhado, o rosto cheio de sardas, tudo se transformava em luz, brilho, riso e alegria. Combinávamos tanto que ela arranhou um namorado,

eu também arranjei. Ela terminou com o rapaz. Eu também terminei. Fazíamos tudo juntas. Crescíamos unidas, sem dar uma palavra sobre o assunto. Um dia, ela se apaixonou por um jovem moreno, de olhos azuis, e, na primeira noite que passaram juntos, ficou grávida. Nossa amizade continuou, mas meu sentimento mudou. Havia começado a trabalhar no hospital da cidade e minha atenção já estava se voltando para Eunice, minha colega de trabalho.

Meu mundo era povoado de mulheres. Minha mãe, sete irmãs e duas empregadas. Embora houvesse meu pai e outros quatro irmãos, era com minhas irmãs que eu passava praticamente todo o meu tempo. Com duas delas em especial, pois gostávamos das mesmas coisas: soltar pipa, jogar bolinha de gude, procurar passarinhos e brincar de casinha. Mas minha atividade preferida era ler. Lia tudo. Amava descer para o quintal, me sentar no tronco de uma árvore e ler os livros que me caíam às mãos, inclusive aqueles de bolso contando histórias do Velho Oeste norte-americano e os poetas que me foram apresentados nas aulas de literatura: Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Gonçalves Dias, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros. Minha mãe, orgulhosa, costumava me chamar para declamar poemas para as visitas.

Todas as minhas irmãs tinham namorado. Eu não. À noite, ficava estudando, lendo ou distraída contando as estrelas no céu e pensando sempre no tremendo mistério que era para mim o universo. Desde os 5 anos, quando comecei a ser alfabetizada, o meu melhor amigo era Álvaro, pra mim, o ser mais inteligente do mundo. Tinha a mesma idade que eu e a sensibilidade e os trejeitos inconfundíveis de um gay. “Querer saber por que alguém é homossexual é o mesmo que tentar descobrir por que o limoeiro dá limão”, ele costumava dizer com seu característico pragmatismo.